

Viver sem emprego

O dia-a-dia de quem foi despedido. A papelada, a angústia e as contas por pagar

Margarida Davim
margarida.davim@sol.pt
Paula Cardoso
paula.cardoso@sol.pt

TRABALHAR sete horas por dia em troca de 80 euros no fim do mês. Cortar na alimentação para pagar as prestações da casa. Desesperar com a burocracia que atrasa o subsídio de desemprego. O dia-a-dia de quem vive sem emprego faz-se de pequenas lutas. O *SOL* foi conhecer as histórias que os números da crise não contam.

Maria Pinto está desempregada há dois meses e sente-se perdida num «processo kafkiano». Aos 50 anos, perdeu o emprego num caso de despedimento colectivo, quando a empresa onde trabalhava como administrativa, em Lisboa, encerrou. Mas os Serviços da Segurança Social consideram que não está em situação de desemprego involuntário. Logo, não tem direito a subsídio.

«Recebi uma carta a autorizar o pagamento, mas um dia depois chegou outra a dizer que afinal não tinha direito a nada». A primeira carta tinha data de 2 de Fevereiro, a segunda foi escrita a 29 de Janeiro. «E agora? Qual é a decisão que vale?», pergunta-se, sem perceber por que motivo os colegas não tiveram o mesmo problema.

Os papéis para receber o subsídio já chegaram à caixa de correio de Clara Costa. Mas o dinheiro ainda não entrou na conta da antiga operária da fábrica de calçado Líder, em Aveiro. Desempregada há um mês, Clara tem 50 anos e estica os 450 euros das pensões de um irmão inválido e da mãe reformada: «Já não tenho dinheiro para pagar o telefone e as prestações de algumas coisas que comprei também estão atrasadas».

Adélia Dias vive angustiada com o dia em que o subsídio vai acabar, em Se-

tembro. Com um filho de 12 anos, a família da operária fabril de Santa Maria da Feira corre o risco de perder todos os rendimentos. «Estão a começar a despedir pessoas na Corticeira Amorim, onde trabalha o meu marido. É muito complicado». Adélia está há um ano em casa, a receber 400 euros. «Tivemos de cortar em muitas coisas. Se

UE prevê 500 mil desempregados em Portugal

antes o meu filho bebia dois iogurtes, agora só bebe um», conta.

Maria, Adélia e Clara são apenas três exemplos de pessoas que perderam o emprego porque as empresas onde trabalhavam fecharam as portas. Segundo a Direcção-Geral do Emprego e das Relações do Trabalho, mais de 3.300 trabalhadores foram alvo de despedimentos colectivos em 2008 – mais 45% do que no ano anterior.

Obrigada a trabalhar por 80 euros

Para aliviar o aperto financeiro em que vive desde que entrou para as estatísticas do desemprego, Fátima Catarino, de 53 anos, vê-se obrigada a trabalhar sete horas diárias para juntar mais 80 euros aos rendimentos mensais.

«Ganho mais 20% por estar a fazer o POC [Plano Ocupacional], que me obriga a fazer um horário das 8h30 às 15h30, como auxiliar de acção educativa numa escola do ensino especial», disse ao *SOL* a antiga trabalhadora de uma fábrica de camisas de Loures encerrada por falência em Abril do ano passado.

Sem perspectivas de encontrar um emprego nos próximos meses, após uma sucessão de entre-

vistas falhadas, Fátima lamenta a falta de opções do mercado para quem tem mais de 50 anos. «Fui a entrevistas para lojas em centros comerciais mas os horários e os salários eram muito maus».

Regras apertadas

A incompatibilidade das ofertas de emprego com o perfil dos desempregados é um dos problemas de quem procura emprego. «Recebi uma proposta de uma galeria de arte para ganhar o salário mínimo [450 euros]», conta Joana, que recebe 700 euros de subsídio. As regras obrigavam-na a aceitar, mas a perspectiva de viver com menos 250 euros não lhe deixou opção senão recusar a

oferta. «Quem me entrevistou percebeu a situação e excluiu-me da selecção».

Sujeitar-se a trabalhos menos qualificados e com um salário inferior ao subsídio de desemprego é apenas uma das obrigações impostas. «Tenho de me apresentar no Centro de Emprego de quinze em quinze dias», queixa-se Alexandra Reis que, com 31 anos e no início de uma gravidez, chega a esperar mais de quatro horas para ser atendida e fazer prova de que está activamente à procura de emprego. «Deram-me um dossiê onde guardo todas as candidaturas que envio e que tenho de apresentar».

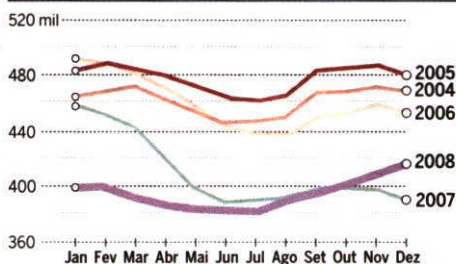
Se quiser sair da sua zona de residência, Alexandra pode tirar 30 dias de férias «mas têm de ser consecutivos e tem de se avisar com um mês de antecedência».

OS NÚMEROS DA CRISE

Número de desempregos registados

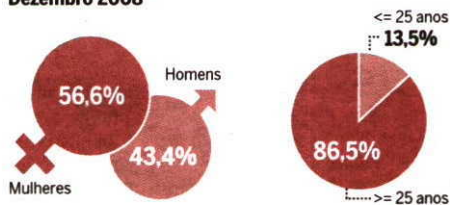
Total de 2008	416.005	+6,6 ▲
Dezembro 2008	48.603	+37,1 ▲

Evolução do desemprego



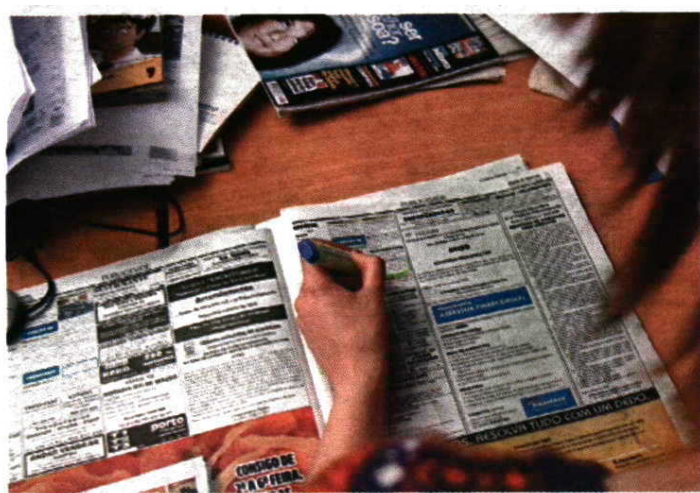
Perfil dos desempregados

Dezembro 2008



FONTE: MINISTÉRIO DO TRABALHO E DA SOLIDARIEDADE SOCIAL





JOÃO VILHENA

580 milhões para combater desemprego

INCENTIVAR a contratação de quem está desempregado há mais de 9 meses e tem mais de 55 anos e alargar por seis meses o subsídio de desemprego são algumas das medidas do Governo para responder à crise.

A iniciativa Emprego 2009, lançada esta semana pelo Ministério do Trabalho e Solidariedade Social, tem um orçamento de 580 milhões de

euros e prevê acções de formação e qualificação para cerca de 15 mil desempregados.

Pedro Araújo, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, lembra, porém, que as medidas de combate ao desemprego precisam de ser adaptadas à realidade para darem resultados: «Por exemplo, a formação profissional tem de ser pensada em

função das necessidades locais e características pessoais».

Para o sociólogo o aumento do desemprego vai ter consequências não só para quem é despedido, mas para todos aqueles que estão no mercado de trabalho: «Num ambiente de incerteza, gera-se uma cultura de submissão que leva os trabalhadores a sujeitarem-se a tudo para ter um mínimo de segurança».

Pedro Araújo alerta para o «ciclo vicioso» criado pela sucessão de encerramentos e despedimentos. «Em situações de crise, os administradores precisam de apresentar resultados aos accionistas e o caminho mais fácil é a redução de efectivos», diz o investigador, que acredita que a crise veio «alterar subitamente o mercado laboral».

Devido aos problemas financeiros que as empresas enfrentam, ser competente já não é suficiente para manter o emprego. «O significado social do desemprego alterou-se: antes estava associado a falhas pessoais, hoje percebe-se que qualquer pessoa pode estar sujeita a isso».

Os números da Comissão Europeia confirmam essa percepção. Segundo Bruxelas, em 2009 pode haver mais de 500 mil desempregados em Portugal – um valor que bate todos os recordes.



Viver sem emprego

O dia-a-dia dos despedidos e a sua luta contra a papelada, a angústia e as contas por pagar **Pág. 26**